

# IMAGINAÇÃO QUE VOA NA ABORDAGEM PROJETUAL

Elisa Yamamoto<sup>1</sup>

Idalina Ana Rodrigues Pinheiro<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar a reflexão sobre uma experiência vivida que provocou a investigação dos professores com e para as crianças. Tendo a abordagem projetual como metodologia utilizada, a vivência acolheu o inesperado do cotidiano, o erro, a dúvida e a incerteza, interpretou as práticas e, gradualmente, as enriqueceu de significado. O percurso investigativo *Imaginação que voa* aconteceu com crianças de 4 e 5 anos, com o olhar atento para a infância, em que o imaginário se sobrepôs à razão. Um simples material pôde adquirir vida própria e percorreu diferentes lugares. Perguntas e observações surgiram, no dia a dia, para a descoberta de possibilidades a partir de uma simples questão: de quem era a pena? A escuta ativa do professor potencializou e provocou a busca de sentido e significado do sujeito observado. Os questionamentos que nortearam essa observação tiveram como intenção um vir a ser. Abriu-se um leque de cores, formas, tamanhos, texturas, leituras, danças, sons e explorações gráficas. Produziram-se ideias e teorias, em busca da resposta diante da pergunta, ou melhor, das respostas, num percurso em que a imaginação esteve presente, para saber se a pena encontrada era do pombo ou do lobo mau. Perguntas germinativas favoreceram um direito à imaginação na infância e a suas teorias provisórias, fortaleceram a investigação e foram registradas na documentação pedagógica, com o olhar projetual. Criou-se um lugar de memórias que se transformou em espaço de trocas, conversas e diálogos na comunidade educativa e provocou aprendizagens significativas nos envolvidos, professores e crianças. Como resultado desse processo reflexivo, constatou-se o aprofundamento dos grafismos, a busca por estratégias de leitura para encontrar informações e a descoberta da materialidade das penas.

**Palavras-chaves:** abordagem projetual; percurso investigativo; cotidiano.

## Para despertar...

O tempo da infância é singular, possui suas marcas e movimentos.

Um simples material pode adquirir vida própria e percorrer diferentes lugares no imaginário. Assim, ocorreu um encontro casual com uma pena no parque que levou à pergunta: “De quem é essa pena?”. Com esta, começou a exploração do percurso investigativo *Imaginação que voa*, com crianças de 4 e 5 anos, da educação infantil do Colégio Emilie de Villeneuve, que se abriu num leque de cores, formas, tamanhos, texturas, sons e explorações gráficas.

---

<sup>1</sup> Especializada em Gestão da Educação no novo milênio pelo Instituto Singularidades/SP. Ateliêrta no Colégio Emilie de Villeneuve na educação infantil. [elisayamamoto@colegioemilie.com.br](mailto:elisayamamoto@colegioemilie.com.br)

<sup>2</sup> Psicopedagogia, UNISA/SP, e professora da educação infantil II no Colégio Emilie de Villeneuve. [idalinapinheiro@colegioemilie.com.br](mailto:idalinapinheiro@colegioemilie.com.br)

Ideias e teorias foram levantadas em busca da resposta diante da pergunta, ou melhor, das respostas, num percurso em que a imaginação esteve presente, para saber se a pena encontrada era do pombo ou do lobo mau.

### **Para provocar...**

A experiência vivida provocou a investigação dos professores com e para as crianças. A metodologia utilizada foi a abordagem projetual, na qual o olhar cria infinitas possibilidades de ação, de ecoar mais e novos conhecimentos e andanças entre o micro e o macro.

O fazer educativo implica elementos de incerteza e imprevisibilidade que necessitam de um olhar crítico e de uma constante reelaboração, ou seja, precisam ser lidos, analisados e interpretados no curso da experiência para que esta seja reconfigurada e relançada em relação ao seu desempenho efetivo [...] (GARIBOLDI, 2020, p. 22).

Essa abordagem acolhe o inesperado do cotidiano. E o que pode surgir do inesperado? O imprevisível, o erro, as dúvidas, incertezas... Portanto, é no cotidiano que se dão passos importantes para a identidade de cada um. Nele, encontram-se as prioridades, as opções e a adequação às necessidades, sempre com abertura e flexibilidade para o inusitado, o que dá movimento ao pensamento projetual. “Na abordagem reggiana, a criatividade é vista como um valor e como uma qualidade do pensamento, é apoiada pela pedagogia da escuta e da relação que a caracteriza” (MUSSINI, 2020, p. 65).

Os elementos fundamentais para o experienciar são: a curiosidade, a investigação e a criatividade, os quais valorizam a subjetividade e a diversidade ao amparar as múltiplas perspectivas e os diferentes pontos de vista. A escuta ativa do educador potencializa e provoca a busca de sentido e significado do sujeito observado, numa investigação permanente, na problematização e reflexão sobre as escolhas diárias que as práticas oferecem.

Diante disso, Hoyuelos (2019) lembra que o conhecimento se constrói em colaboração com o outro. Assim, o professor é o ser formulador de problemas, mobilizador de situações, provocador de perguntas germinativas, que favorecem a possibilidade da imaginação na infância, da produção de teorias provisórias e fortalecem a investigação.

Parte fundamental da abordagem projetual é registrar na documentação pedagógica, pois é nela que se dão as escolhas, a interpretação e metainterpretação da escuta do adulto, que revela a aprendizagem da criança. Trata-se de um instrumento comunicativo e reflexivo sobre os significados do próprio percurso.

É preciso “ler” o que acontece. Segundo Riera (2019), a observação, ferramenta fundamental diária, significa compreender melhor para adquirir uma nova percepção do vivido. É feita com intencionalidade e reflexão permanente, para conseguir apurar o olhar e realizar interpretações, ou seja, descobrir os processos significativos e compreender suas estratégias, como também metainterpretações que estabelecem relações entre as interpretações e ressignificam o percurso.

Diante dessas premissas, nasceu, na educação infantil, um percurso que partiu da pergunta feita da escuta atenta do educador: “De quem será a pena?” Começou, então, a investigação sobre a origem, de quem seria, como ela era: “Parece do lobo mau, ele come carne”; “É do lobo mau. Não, na verdade é do pombo”; “A pena é para ajudar a voar”; “A pena pode ser de borboleta”, assim disseram as crianças.

Imaginação e realidade começaram a caminhar juntas com a coleção de penas, à procura de informações nos livros: “Encontrei o peru, aqui diz que ele come minhoca, aranha, frutinha e grilo” A observação das penas com lupas e a caneta digital provocou a saída do macro para o micro e vice-versa. Isso ajudou as crianças a mudarem o foco, acharem o que se esconde dentro das coisas que estamos acostumados a olhar, além de terem visto o mundo sob uma outra perspectiva.

As crianças exploraram as linhas das penas e suas possibilidades estéticas. Destacou-se o prazer em desenhar, deixar suas marcas numa superfície, investigar linhas com espessura, cor, textura, movimento, repetição e criação no diálogo entre o grafismo ou massas de cor.

Unida ao grafismo e à música, a linguagem tecnológica criou uma melodia para o desenho das penas, num contexto que entrelaçou descoberta, magia e sons, em contato com diferentes materiais que lembravam a leveza: fibra siliconada, tule, voal e fitas. Meninos e meninas sentiram-se provocados a investigar, imaginar e descobrir jeitos diferentes de explorar a delicadeza das penas. Ademais, no final, brincaram com o ar e com sua fluidez, num contexto transformado, que possibilitou a descoberta da potencialidade do ar em seu deslocamento, que modifica o trajeto das penas com sua velocidade e intensidade: “Eu achei legal quando as penas saíam correndo e voando”; “As penas são muito macias e elas voam”.

### **Para renascer...**

Com o percurso descrito neste trabalho, ao longo do processo reflexivo, constataram-se mudanças no olhar das crianças, como o aprofundamento dos grafismos ao reconhecerem a diversidade de padrões das cores e linhas, a busca por estratégias de leitura para encontrar informações como leitoras do mundo e a descoberta da materialidade das penas.

A documentação pedagógica é um lugar de memórias que se transforma em espaço de trocas, conversas e diálogos na comunidade educativa e provoca aprendizagens significativas nos envolvidos, professores e crianças. A parceria entre os educadores permite o constante diálogo para provocar interpretações e a circularidade das informações. “Os fios da memória se entrelaçam e o sujeito-autor faz os recortes do real que quer estabelecer, construindo as lembranças do futuro que se está configurando” (PROENÇA, 2022, p. 39).

A documentação, com seus registros e seu ir e vir, é uma forma de planejamento, avaliação, gestão do tempo, organização do espaço, dos materiais e dos grupos. A marca que esse percurso investigativo deixa é mergulhar no novo e se permitir tocar pelo inesperado. Desperta a criatividade, assim como amplia a flexibilidade cognitiva e a capacidade de adaptar-se às situações inusitadas.

Portanto, no final, não importa se a pena é do pombo ou do lobo mau, mas o processo de experienciar o voar da imaginação.

### **Referências**

HOYUELOS, Alfredo; RIERA, María Antonia. **Complexidade e relações na educação infantil**. São Paulo: Phorte Editora, 2019.

MARTINI, Daniela; MUSSINI, Ilaria; GILIOLI, Cristina; RUSTICHELLI, Francesca (Orgs.); GARIBOLDI, Antonio (Col.). **Educar é a busca de sentido**: Aplicação de uma abordagem projetual na experiência educativa de 0-6 anos. São Paulo: Editora Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil, 2020.

PROENÇA, Maria Alice. **O registro e a documentação pedagógica**: Entre o real e o ideal... o possível! São Paulo: Panda educação, 2022.